



O VOO DO GARAJAU:

DOS AÇORES A MACAU

MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS
MANUEL JOSÉ SILVA

III. Rumo a uma tipologia canídea...

Revisitemos as palavras de Eloísa Alvarez (porta-voz do Júri do “Prémio Literário de Miguel Torga”), transcritas no “Prólogo” de *A Tabuada do Tempo, a lenta narrativa dos dias*:

“A aparente insignificância de cada instante do dia ou da noite é transcendida por Cristóvão de Aguiar com a paixão de quem vive esses momentos como se fossem os últimos, os decisivos da sua vida: ungiendo-os - como se de um feito religioso se tratasse - com o amor, numa sacralização invasora que inclui quer o erotismo referido a Ela, quer o humanismo com que contempla o Outro, um Outro que, além de incluir o Homem, contempla também os bichos [...]” (2007:11).

E é, com efeito, de bichos que se trata, não de *Bichos*, de Miguel Torga (ao qual o Autor rende preito, no 1º centenário do seu nascimento, em *Miguel Torga. O Lavrador das Letras. Um percurso partilhado*), mas tão-só de cães, esses “inseparáveis e afectuosos companheiros” da infância e juventude de Cristóvão de Aguiar (2008:10), ex-professor de língua inglesa da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, novelista de *Passageiro em Trânsito*, contista de *Trasfega*, biógrafo de Paulo Quintela (*Com Paulo Quintela à Mesa da Tertúlia*), sujeito escrevente dessa “narrativa militar aplicada” intitulada *O Braço Tatuado*, tradutor de *A Riqueza das Nações* de Adam Smith, ‘analista’, porque amante da língua portuguesa, de “alguns dos deslizes mais comuns da linguagem” nas *Charlas sobre a língua portuguesa* e memorialista de José Medeiros Ferreira.

Se nos detivermos, aliás, no título desta antologia ilustrada - *Cães Letrados* -, revelador da feliz osmose entre canidade e humanidade, se atentarmos nas três epígrafes de Jean Genet, de Simone de Beauvoir e de Victor Hugo, remetendo para uma conceção mítica da infância como “idade de ouro” (e não se identificará a infância, conceito, categoria e sentimento moderno, com o mito da origem?), e se nos quedarmos na dedicatória “Para os meus netos”, não se tornará difícil privilegiar um duplo protocolo de leitura (conducente à criação de um espaço íntimo e consequente transi-

ção para um espaço público), firmado pelo supracitado peritexto, visando dois ‘tipos’ de público-alvo: o leitor jovem (infantil e adolescente) e o leitor adulto; o leitor ingénuo, afeiçoado a histórias comovedoras de cães, e o leitor crítico e competente, cuja experiência (que, segundo Oscar Wilde, é o nome que damos aos nossos erros...) não hesita nem em escavar na superfície do texto um ou outro trilho hermenêutico, mais ou menos consciente e profundo, voluntariamente traçado ou não, nem em atualizar sucessivamente as estruturas discursivas, narrativas, actanciais e ideológicas. Configurando, de modo indubitável, o sentido imanente e a estrutura profunda - o fenotexto e o genotexto -, os títulos das dezoito novelas (não ao acaso respigados) tanto reenviam para os nomes próprios dos caninos cuja trajetória existencial não deixa de ser narrada, como para uma reinvenção taxinómica dos *Canídeos*, a que não é alheia a sátira social.

No primeiro caso, o dos títulos epónimos, deparamos com genuínos bilhetes de identidade - que as talentosas ilustrações²⁰² de André Caetano corroboram em definitivo - de cães e de cadelas de estimação cuja genealogia - “Nasceu [a *Pantera*] há quatro anos.” (2008:135) - a memória afetiva do Autor - que o “baú” metaforiza (2008:137) - cristalizou em “lugares de memória” revisitados pela palavra. É o caso de *A Girafa*, “cadela branca, atravessada de galgo” (2008:23), detentora do faro mais apurado de Tronqueira²⁰³; é o caso do *Alex* que, numa das suas saídas de cariz sentimental e índole erótica, é vítima de morte por atropelamento; é o caso do *Adónis* (e repare-se na consciência cratílina da linguagem...) que, ao longo da viagem, em segunda classe, no “Inter-Regional” entre Lisboa e Coimbra, se torna o centro de atenções - mercê dos seus balbucios caninos de estirpe aristocrática - dos militares regressando aos quartéis; é o caso do *Isquininho*, inventor do novo método de esvaziar gamelas graças à sua imobilização: “Passou a pôr uma pata no fundo da gamela e assim ela ficava mais que segura ao chão. E comia o resto da paparoca à vontade e em

202 Numa reversão de práticas anteriores carreando uma reorientação crítica, a ilustração tem vindo a ser considerada uma reescrita e uma tradução, e não uma mera interpretação.

203 A respeito de Tronqueira, atentar no cómico de situação da chegada almejada do rateiro, bem como na designação de “em Tronqueira freguesia como em seu termo debruado de outras ilhas” que, à semelhança do epíteto homérico, vai ritmando *Marilha* (2005:148).

sossego...” (2008:62); é o caso do *Ligeiro*, “rasteirinho e de cauda enroscada em jeito de ponto de interrogação” (2008:77), que, sacrificialmente, aprende os riscos da falácia da sedução, simbolizada pelas pelezinhas de chouriço: “Ao abrir a boca, já com as peles a roçarem-lhe o focinho, tornou a apanhar um cachaço. [...] ‘caim, caim, caim’, o rabo murcho, correu a bom correr, [...]” (2008:79-80); é o caso da *Regina* Cadela, parideira de profissão e perita, por excelência, na arte da fuga manhosa à atividade caninamente vigilante das autoridades do município: “A cadela-mãe sobrevivia sempre às investidas regulares dos funcionários municipais [...]” (2008:86); é o caso do *Schwarz*, cão expatriado que, forçado pelo dono a reaprender a sua língua pátria, vai gradualmente conhecendo as tristes etapas da gaguez no latir, tornando-se motivo de chacota para os seus congéneres - “o *Schwarz* cada vez mais gago, entristecido e neurastênico” - e debitando, de modo deficiente, a língua de Lutero (2008:116); é o caso do *Valente*, pastor alemão de envergadura, cuja fera intrepidez se vê premiada com uma injeção letal e subsequente viagem gratuita rumo à eternidade dos *Canídeos*: “Perdi um amigo e a minha casa um excelente guarda!” (2008:130); é, por fim, o caso da *Pantera*, esse “*grand danois*” a caminho do matadouro por sofrer de doença perigosa; da *Petruskazinha*, *pekinois* de luxo instigado pela ‘mamã’ Susana a comer o bife a bordo do *Carvalho de Araújo*, e da *Andorinha* que, no colchão do autor-narrador alferes²⁰⁴, dá à luz, com intervalos de quinze a vinte minutos, seis filhotes, sendo o último “uma fêmea com parecenças com a mãe enquanto jovem cachorra” (2008:171).

Destarte, estão os dados lançados para o esboço de uma segunda linha de leitura, que passa obrigatoriamente pela animização e personificação do canino, mediante a adjetivação, a adaptação, a comparação, o contraste e a hipálage, desembocando na caracterização indireta de todo o ser humano (mais ao nível da etopeia - descrição caraterológica - do que da proso-

²⁰⁴ Trata-se de um episódio do romance *Braço Tatuado. Retalhos da guerra colonial*, em cujo *explicit* confessa o Autor, retratista de um dos períodos mais atribulados tanto da sua vida pessoal como da História de Novecentos, que está “cansado. Apetece-me voltar. A Ilha espera-me do outro lado do tempo. Já não é o meu. É da palavra, que ainda me vai pertencendo. Com ela procuro ressuscitar a Ilha em face de mim ou do outro.” (2008:127).

pografia - descrição física) dono de um “cão letrado”... Assim sendo, é a “família humana” do *Alex* que, após o seu passamento, traja lutuosamente (2008:40); é o José Jacinto que se vê invadido por sentimentos específicos de um “dono *coruja*” (2008:69); é a *Girafa* que, ao invés da senhora dona Amelinha Costa, assolada pela *avareza*, se não coíbe de repartir o “prato das sopas de leite desnatado com o gato maltês” (2008:25) e é o *Isquininho*, cão “*fiel e honrado*”, que, por graça divina, é agraciado com uma “Morte serena” (2008:63). Do mesmo modo, o *Schwarz*, contrariamente à Maria do Socorro, declina o desejo acalentado pelo Senhor de Simas de aprender a sua língua; a *Petruska* espelha caraterologicamente, graças à ambiguidade de onde o lúdico não desertou, a sua dona, de nome Susana, amante de “ternura e cócegas” (2008:161); por fim, os cães das Letras contemplam “os humanos [...] com um acento tónico de sílabas de um verso bem escandido” (2008:101), enquanto os da Faculdade de Direito se impõem pela sua sumptuosidade (2008:108). De realçar, neste contexto específico, o recurso a certas expressões convencionais, convocando a tradição cristã, que inusitadamente contemplam determinados momentos da vida canídea: a *Girafa* humaniza-se ao receber o sacramento do batismo, sendo esta humanização corroborada, na hora da sua morte, pela derradeira invocação: “Dai-lhe, Senhor, o eterno descanso, entre o resplendor da luz perpétua” (2008:34); por sua vez, não se furta o narrador a clamar “Paz à sua alma” no momento em que o *Valente* entrega a alma ao Criador (2008:130), bem como a rogar a Deus que dê “uma boa morte” à *Pantera* (2008:138).

Por intermédio de uma inversão semanticamente pejorativa, o universo parece transfigurar-se em “mundo cão” (2008:138), habitado pelo “bicho-careta” (2008:86) que é o homem. Irrompe, então, a sátira social, sob forma de crítica à mentalidade estreita, sobrelevando a raça canina o ser humano: a *Girafa*, ao ter impudentemente relações sexuais, em público, com o galã do *Calçado*, escandaliza as beatas angelicais que, lestras, se encaminham para o ofício matutino (2008:27); um rafeiro, cão da esplanada, não refreia o desejo súbito de acasalar com a sua amada, indiferente à turba preconceituosa, mas minada pela sensualidade (2008:91); a municipalidade, cuja palavra de ordem se resume eticamente a preservar os “bons costumes”, apressa-se a desinçar a via pública da indesejada descendência da *Regina*

Cadela (2008:85); o cão do mestre Oliveira, batizado de *Polícia*, torna-se, à imagem do seu dono, mestre em morder o policial Beliboga (2008:146), situação caricata prenunciada pelo título “Cão-Polícia ou vice-versa”.

A par da sátira, insiste a paródia em fazer a sua aparição em cena, mormente no tocante a esse hipotexto que é a erudição balofa, o discurso universitário hermético, o casticismo de um ‘catecismo’ em desuso e o ensino que privilegia menos a reflexão salutar do que o ‘afinado’ papagueamento de verdades desatualizadas. A partir dos “cães atascados em literatura” (2008:152) e dos “canídeos das filologias menos clássicas” (2008:102) jorra, paulatinamente, um humorístico hipertexto (com “nuances” genettianas) denunciando quer “um dos muitos arquétipos de um arquitepo exemplificativo de certos ladrões linguísticos de alguns cães e cadelas da semiótica” (2008:103), quer “certas reminiscências estruturalistas no ladrar de alto” (2008:102). Por um lado, o “professor transfigurado”, especialista na transmissão pseudopedagógica das grandes correntes da crítica; por outro, o “coro dos falantes” cantores, bons assimiladores da matéria trauteada (2008:152). O resultado, “estupidamente real” (*ibidem*), mais não é do que um amontoado lexical delirante, a desembocar no galimatias ou, talvez, no anfiguri, repassado(s) de conceitos teóricos descontextualizados e de absurdas abstrações teóricas (2008:102). Do seio deste aranzel sobressaem tanto a parte prática da “teoria poética do luar” (2008:151), exemplificada por um fragmento comicamente aliterativo - “Os lúbricos cães e as cadelas aluadas ululam lugubrememente à lua... Os lú-bri-cos... a-lu-a-das... u-lu-lam... lu-gu-bre-mente... lu-a...” (2008:151) -, como uma crítica velada ao decadentismo-simbolismo português (cujo corifeu foi Eugénio de Castro ao dar ao prelo os *Oaristos*) que, em vez de simbolismo genuíno e inovador (revisite-se a magia sugestiva da *Clepsidra* de Camilo Pessanha...) ²⁰⁵, parece ter ficado pela quintessência do parnasianismo...

205 Poeta vanguardista amigo de Wenceslau de Moraes, tradutor de *Oito Elegias Chinesas*, Autor de dois textos de natureza jurídica - *Desorientação* e *Serena Justiça* -, Camilo Pessanha foi, também, um grande colecionador de peças de arte chinesas. De salientar que a sua passagem por Lisboa, onde contactou com a família de Osório de Castro, foi bem recebida pela intelectualidade da época: não esquecer, neste contexto específico, que Fernando Pessoa pediu autorização para publicar alguns poemas do Poeta simbolista na revista *Orpheu*...

Retomando as duas linhas de leitura que se têm vindo gradualmente a esboçar, mas privilegiando a leitura centrípeta em detrimento da leitura centrífuga, não podemos passar em silêncio esta reinvenção canina a que procede Cristóvão de Aguiar. Na verdade, longe vão os tempos em que a canzoada se diferenciava pelo *pedigree*, subdividindo-se em cães vadios ou rafeiros, em cães aristocratas ou de raça, podendo esta última categoria abarcar os galgos, os *danois*, os *huskies* e os pastores alemães, retratados com mestria no texto-imagem de André Caetano. Ora, em *Cães Letrados*, o conceito de canidade é diversamente (e enriquecedoramente...) abordado e sistematizado. Destaque-se, em primeiro lugar, a seguinte tetralogia canídea: “Cães de Esplanada”, “Cães Universitários”, “Cão-Polícia ou Vice-Versa” e “Cães Cantores”; atente-se, numa segunda etapa, no estudo denodado da caraterologia canídea conducente a uma taxinomia inédita: a cadela que se pauta pelos famosos relógios Longines e para a qual “o meio-dia era sagrado” (2008:29); a cadelinha grávida que só aparece de manhã e à noite para cumprimentar o dono da casa - que nem seu dono é... - e os cinco colegas que nela residem (2008:45); o cachorrinho que desfruta, com uma estudante, das *Lições de pediatria*, virando as folhas com a patita direita e escapando ao pagamento de meio bilhete no “Inter-Regional” (2008:54-55); o canino que se vai mantendo vivo até ao regresso dos donos da América (2008:63); o cãozinho de orelha fita à espera da espinha e do rabo do “chicharrinho assado na sertã” (2008:77); a cadela parideira que nunca considerou o seu corpo *res publica* (2008:86); a cadelinha de luxo que tem um babeiro - qual “mise en abîme”! - onde aparece bordado “um cachorrinho de mama tomando o seu biberão” (2008:161) e, por fim, o cão do futuro, “novíssimo cão”, totalmente informatizado e ‘quiasmaticamente’ criado “à imagem e semelhança da tecnologia de ponta ou da ponta da tecnologia.” (2008:107). Por outras palavras, e decifrando a obliquidade da escrita, um ‘anticão’ ou um ‘contracão’... Observe-se, numa terceira fase, não só o fascínio, de longa data, do Autor pelos cães - “A minha atracção pelos cães é muito antiga. Há certas raças, porém, que me não agradam nada. Até tenho nojo de algumas dessas espécies meio exóticas: os muito pequeninos e alguns que não têm pêlo e parecem porcos...” (2008:69) -, mas também a pertinência da sua função - “[...] acode-me à lembrança

um velho professor amante de cães como eu. Chamava-lhes povoadores de solidões acumuladas.” (2008:92-93) -, desaguando num indubitável unanimismo canídeo, quase nos antípodas do sentimento algo disfórico nutrido por uma certa raça humana, menos generosamente qualificada devido à intrusão da ironia.

“E, depois, dava ares [a *Girafa*] de maior esperteza do que alguns que andavam nos estudos.” (2008:24).

“Falaram todos com muita propriedade e sabedoria. Eu estava entre a luzidia assistência.” (2008:39).

“Muito gostei de ouvir gente tão sábia sobre matéria tão árida, ardente como as areias do deserto.” (2008:40).

Que nos seja lícito aflorar, doravante, não só o método de trabalho do Escritor açoriano, como também a presença da Ilha na antologia em pauta. No que respeita ao primeiro ponto, a “Nota Prévia” parece ser suficientemente esclarecedora ao alertar o leitor de todas as idades para o trabalho incessante de depuração da escrita, identificado com um “verdadeiro calvário... [...] sofrendo muitas alterações, cortes e acrescentos” (2008:10). Escrita ou reescrita?²⁰⁶ No tocante ao segundo ponto, a Ilha constitui trampolim para o lirismo invadente, para a saudade inefável que Afrânio Gaudêncio aprende a definir:

“Repercutiu-se-lhe então de imediato e de novo o som dos três berros. [...] Três urros doídos. Em jeito de despedida. Nunca mais se podia esquecer. [...] E ficarão doendo para o resto da vida. Assim acontece a todo o ilhéu desilhado.” (2008:162).

²⁰⁶ Ver, a este respeito, *A Tabuada do Tempo, a lenta narrativa dos dias*: “Tenho andado embebido no meu trabalho de coligar, podar e limar [...] mas estou sempre a alterar, a cortar de um lado para aumentar do outro, o costume.” (2007:74 e 76). Ainda nesta sequência, urge referir, embora de modo sucinto, o caráter penoso do processo de escrita: “Mas o simples facto de te sentares à banca de trabalho e reiniciares a lavoura das palavras é-te tão custoso, [...]” [*Relação de Bordo (1964-1988)*, 1999:332].

E, a este respeito, não deixa de ser interessante atentar, superficialmente que seja, na representação multifacetada da Ilha mítica na obra de Cristóvão de Aguiar²⁰⁷, agraciado em setembro de 2001 pelo Presidente da República com o grau de Comendador da Ordem do Infante Dom Henrique. Ilha-Mulher, ela firma-se e afirma-se altaneira quer como Ilha-Mãe, quer como Ilha-Madrasta...

“Mar, Ilha; Ilha, Mar. Dois pólos de quinhoadá solidão pelo mundo e suas partes em silêncio repartida. Mar, Ilha. E quem ousará adivinhar por que misteriosa transformação ortoépica não teriam ambos evoluído, semanticamente, para *Marilha* [...] depois para *Marília*, nome de mulher, o teu, igualmente de sismo e de ciclone sitiado num nordeste só meu? Herdei-o de um Setembro de vindima muito escassa. Alforrento...” (*Marilha*, 2005:172).

Livro de cães ilhéus e continentais (não falando dos estrangeiros...) para miúdos e graúdos, histórias para netos e avós e para pais e filhos, *Cães Le-trados* de Cristóvão de Aguiar, Escritor não nascido sob o signo de Marte²⁰⁸ e diversas vezes premiado²⁰⁹, só não será lido por quem tão-somente gostar - o que não deixa de ser insalubrememente redutor... - de gatos literatigueiros ou, pior ainda, de felinos estagnados na aliteracia.

²⁰⁷ “Que me perdoe a outra Ilha, a Ilha-mulher que recolhi à sombra do sangue no princípio do mundo e me ficou para todo o sempre redemoinhando nos sonhos e nos pesadelos.” (*Raiz Comovida. Trilogia Romanesca*, “Recado”, 2003:147); “Parti da Ilha com os olhos abarrotados dela e de algumas outras, sobretudo da do Pico, surpreendidas da janelinha do avião de remotas alturas.” (*Trasfega*, “Domingo”, 2003:78). Por vezes, a Ilha tirânica metaforiza-se em cálculo, ao interiorizar dolorosamente a sua raiz, de nome “Sebastiana”, no narrador: “Só me falta agora o cálculo. Preciso com urgência de extrair a Ilha da vesícula.” (*Passageiro em Trânsito, novela em espiral ou o romance de um ponto a que se vai sempre acrescentando um conto*, 1994:46).

²⁰⁸ “[...] nasci cerca de dez meses depois, a 8 de setembro de 40, a Segunda Guerra Mundial em adiantado decurso destruidor por essa Europa fora. [...] Gerado na guerra, em pleno conflito me inaugurei no mundo. O meu signo não é o de Marte.” (*Nova Relação de Bordo, diário ou nem tanto ou talvez muito mais*, 2004:73-74).

²⁰⁹ *Raiz Comovida* - Prémio Ricardo Malheiros da Academia de Ciências de Lisboa; *Relação de Bordo (1964-1988)* - Grande Prémio APE/CMP, 2000; *Trasfega. Casos e contos* - Prémio Miguel Torga 2002 e *A Tabuada do Tempo, a lenta narrativa dos dias* - Prémio Miguel Torga 2006.